

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.ºs, 25000; 50, 18000; 25, 500 réis.—Fôra de Aveiro: 40) n.ºs, 25250; 50, 18125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.ºs (moeda forte), 25.10 réis.—Pagamento adiantado.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

NUMERO AVULSO, 20 REIS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Administração, rua do Espirito Santo, 71

## AVEIRO

### FALTA-NOS O MELHOR

Se o nosso deficit for a simplesmente um deficit material, não haveria motivos para grandes desalentos. Mas o deficit é intellectual. Mas o deficit é moral antes de tudo. O que nos cava a sepultura não foi a falta d'ouro, foi a falta de caracter.

Ha mil provas, na historia portugueza, d'esta nossa affirmacão. E provas que veem de longos annos. Não é momentaneo este abatimento. E' um dos elos d'essa cadeia de torpezas que nos enlaga já de velhos tempos. Será esta a ultima prova. Será uma conclusão. Mas é uma conclusão que cabe inteiramente nas premissas. Succumbiremos agora a tantos erros, a tantos desvairamentos repetidos. Mas os desvairados de hoje são bem os filhos dos desvairados d'outras eras, ou os procuremos vendendo-nos á Hespanha, ou sacrificando-nos á Inglaterra, ou morrendo loucamente nos areas de Alcacer Quivir, ou espojando-se nas devassidões fradescas d'uns poucos de reinados, ou applaudindo n'um delirio de bebedos as forcas do conde de Bastos e as cacetadas de D. Miguel. E' a mesma gente, reproduzindo-se e succedendo-se com as mesmas qualidades psychologicas e o mesmo typo physiologico. Portugal e Hespanha, mais ou menos semelhantes, accentuam dia a dia uma completa e incontestavel decadencia.

Ha muito quem sinta isto; ha muito pouco quem o diga. Dilohemos nós, pelo systema que adoptamos de nunca lisongear o orgulho nem a vaidade nacional, lisonja que é uma das muitas demonsttrações da nossa decadencia. Tanto cantamos as nossas glorias, tanto nos envaidecemos d'um passado remoto, como se essa gloria ainda se erguesse com azas d'aguia para nos levar até ao sol, quando o recordal-a seria a maior vergonha para quem tivesse a consciencia da estrumeira em que vegeta. Mais valia esconder as grandezas de nossos avós do que apregoa-las para as desdormarmos n'esse *lazzeronismo* vergonhoso com que nos aquecemos ao sol que a natureza, por irritação ou por um contraste de ironia, nos deu o mais claro e o mais brilhante da Europa. E' mais nobre o vagabundo que suppondo-se d'origem reais não tem responsabilidades a medir, do que aquelle que apregoa como titulo de honra na taberna um pergaminho illustre d'avoengos.

Ha muito pouco quem diga isto. Dilohemos nós, como grito de desalento lançado a quem nos lê, mas como um *donche* que traga a realidade tanto cerebro esquentado por tolices. E' sempre conveniente ver a realidade. Quem a não sabe ver, quem precisa de illusões, é um tropéico que deve ser affastado para o lado. Basta de pataratices. Se a regeneração d'esta terra ainda é possível, não se ha de conseguir com esse tropel de sentimentalistas imbecis, que tanto teem tripudiado sobre o senso commum, mas com ele-

mentos que precisam de conhecer o mal e de não se illudir sobre a doenca para a demorar nos seus resultados fataes ou para a curar se ainda é tempo.

Quem escreve estas linhas, nem por dizer francamente e rudemente a sua opinião deixa de trabalhar, nos limites das suas forcas, pelo bem do seu paiz. Não deita as mãos ás orelhas, á laia de macaco, deixando d'empregar os esforços necessariós para se salvar do abysmo que se cava aos seus pés.

O nosso deficit é intellectual, é moral, antes de ser material. Póde o paiz ter grandissimos recursos e tem-os realmente. Póde o paiz ter dentro de si grandes fontes de receita. Se não houver talento para aproveitar esses recursos e explorar essas fontes, se não houver caracter para obstar intransigentemente ás especulações e aos especuladores, para firmar em bases sérias a dignidade publica, para estabelecer em todos os ramos do serviço a moralidade indispensavel, todos os recursos materiaes e todas as fontes de receita são impotentes e inúteis.

Ora, sob este ponto de vista, a situação de todos os partidos é desgraçadissima. A monarchia fez uma politica toda ella de desperdícios, d'escandalos e d'insensatez. Gem vezes os seus adeptos apregoaram a riqueza publica, a fartura, a grandesa collectiva. E a derrocada que surge a nossos olhos é uma vergonha. Uma vergonha enorme. Um regimen que leva o paiz a este estado, depois d'um periodo largo relativamente prospero, de boas condições para se fazer muito, não tem attenuantes a invocar em seu favor. Está duramente condemnado.

A monarchia fez essa politica. O partido republicano fez uma politica toda negativa. Destruiu sem edificar. Desmoralizou, atacando pelo simples facto d'atacar. Indisciplinou pelo simples facto d'indisciplinar. Disse mal de tudo sem querer saber se era justo ou injusto. Adulou sempre o espirito publico e com elle caminhou á matroca, ao acaso, por onde ia o instincto, ou atraz das conveniencias de momento, muitas vezes conhecendo o erro dos caminhos mas não o dizendo porque não convinha. Emfim, transigiu com tudo, bom ou mau, justo ou injusto, digno ou indigno contanto que n'um momento dado lhe servisse. E' assim, fazendo não politica nacional, mas uma politica exclusivamente partidaria e que a maior parte das vezes nem era a do seu partido, mas a dos regeneradores quando os progressistas estavam no poder e a dos progressistas no caso contrario, e assim o que conseguiu? Não conseguiu matar a monarchia, porque a monarchia morre pela fome, ou pelos seus esbanjamentos, e não pela campanha de moralidade ou pela accção directa dos republicanos. Não conseguiu attrahir a si a confiança do paiz, porque essa confiança não se attrahe por declamações ou pela critica negativa, mas por uma propaganda de resultados educativos e proficuos. E conseguiu ver-se na impossibilidade absoluta de montar só por si a machina governativa do paiz.

Afugentando todos os espiritos reflectidos, sérios, pensadores, pela sua deploravel propaganda d'esterilidades partidarias e pelo erro de sacrificar tudo aos interesses d'uma hora, ficando só com os declamadores e os sentimentalistas, ou se ha de declarar impotente para assumir amanhã as responsabilidades do poder, ou ha de pedir aos monarchicos que as compartilhem com elle, ficando assim em casa com todo o virus da dissolução e perdendo a força moral pelo pacto da solidariedade.

Tal é o spectaculo triste que a sociedade portugueza, n'esta hora solemne, offerece aos olhos d'um observador reflectido!

Aprendamos, se ainda é tempo. Bem sabemos que ha muito quem não goste de nos ouvir falar assim. Mas diz-nos a consciencia que prestamos muito melhor serviço á nossa causa e ao paiz falando a voz da verdade e da razão, que póde animar os sérios e prevenir os descuidados, do que falar a voz da mentira, que agradando muito aos tolos nem por isso engana os atilados.

Conhecamos o erro para que o emendemos.

## A FREIRA

A maneira escandalosa com que se vão alastrando em Portugal os recolhimentos religiosos, verdadeira ressurreicão dos conventos ou antes a sua *continuação* porque elles nunca terminaram entre nós apezar do espirito e da letra expressa da lei, levaram-nos a traduzir fielmente, sem amputações, e sobre o melhor texto original o magnifico trabalho de Diderot—*La Religieuse*—que tamanha revolução causou, ao findar do seculo passado, nos espiritos em França. Começaremos a publicar essa traducção no proximo numero do *Povo de Aveiro*, em folhetins, e por ella verão os leitores quanto ha de horroroso na vida claustral, que tão largamente e tão escandalosamente se pratica ainda em Portugal, horrores de que todos os dias os jornaes nos dão uma amostra e que agora mesmo tanto se revelam no famoso caso do Rego, em Lisboa.

Ainda ninguém, como Diderot, traçou tão magistralmente as infamias da vida dos conventos. Para que se faça uma idéa do alcance e do valor da sua obra transcrevemos as palavras que precedem o romance na edição que temos á vista. Ellas ahí vão:

Reformar as idéas religiosas é sempre uma consequencia necessaria de todas as revoluções. Os philosophos do seculo deoito assim o comprehendiam, atacando os vícios dos governos ao mesmo tempo que arrancavam a mascara da Igreja, para que se visse a nu a sua terrivel physionomia e para que os simples não continuassem a ser victimas das suas hypocrisias.

Dionysio Diderot, nascido em Langres a 5 d'outubro de 1713, filho d'um simples artista honrado, é um d'esses philosophos. Foi um espirito vasto, emprendedor e com a audacia necessaria para chegar a grandes resultados. Literatura, sciencias, moral, industria, theatro, tudo entrava na activa esphera do seu genio, um dos mais ardentes que existiram. A Encyclopedia, de que

a França se orgulha com justos motivos, immortalizou-o.

Entre as suas obras ha uma—*A Freira*—que prestou os maiores serviços e que os póde prestar ainda. N'esse romance nos mostra Diderot todos os horrores commettidos com uma jóven victima lançada por seus infames paes, contra sua vontade, n'um d'esses antros terriveis que se chamam conventos. Ahí nos faz ver todas as insinuações perfidas das freiras, todas as suas hypocrisias para seduzir raparigas sem experiencia, roubar-as á sociedade e corromper-lhes os costumes tornando-as despreziveis. Não vendo o precipicio em que vão mergulhar, essas desgraçadas fazem juramentos que a natureza não lhes admitta, tornando-se o escandalo da sua vida uma prova concludente de que a mesma natureza nunca perde os seus direitos. «Quem cumprir esses votos, diz Diderot, é um criminoso; quem os não cumprir é um perjuro. A vida claustral ou faz hypocritas ou fanaticos.» Acrescentaremos, usando d'uma das suas expressões, que «o padre é um ser equivooco, suspenso entre o céo e a terra.»

Importa á civilisação dar o ultimo golpe n'esses infames preconceitos que deshonram e degradam a especie humana; o povo que erga nas suas mãos, com a firmeza indispensavel, o machado que as auctoridades a maior das partes sustentam com não tremula quando é preciso cortar aquillo que corroe as sociedades no que ellas teem de mais sagrado e de mais caro. O povo está hoje bastante elucidado para conhecer as teias secretas dos habitantes dos claustros, a sua astucia em tudo enredar, o seu amor do mundo, a maneira porque elles exploram em seu proveito a fraqueza e a credulidade dos reis, de que elles são os aduladores ou os tyrannos. Pois bem; ou esses homens desaparecem da terra, ou o povo será sempre o seu escravo. Este que escolha.

Dir-nos-hão que não levamos em linha de conta os sacrificios do padre e da freira; que a sua figura pallida e franzina deveria attrahir o nosso respeito em vez da nossa severidade (1). Responderemos simplesmente que sendo o seu estado uma monstruosidade na natureza todas as monstruosidades devem acabar. Para que o padre e a freira podessem manter os seus juramentos, seria necessario que não sentissem nenhum d'esses desejos imperiosos que um sexo provoca ao outro. Mas então o padre não seria um homem nem a freira uma mulher; um e o outro não seriam mais, se é permitido exprimirmos assim, senão cadáveres moraes. O padre La Mennais reproduziu em nossos dias uma obra (2) em que se põe a vida dos celibatarios acima da vida dos anjos, e é com uma moral d'esta natureza que esses impostores se arrogam o direito de falar de virtudes, elles que, na maior parte, não teem senão vícios. E' preciso ser bem louco, bem fraco e bem credulo para acreditar nas mentiras que elles espalham com essa impudencia revoltante que tanto os caracteriza.

Mães de familia, não é ás vossas filhas que destinamos a obra de Diderot, na qual ha passagens que, confessamol-o francamente, o pudor não permite que se leiam. E' á vossa reflexão e ao vosso são criterio. Ahí sabereis como a perseguição, a crueldade, o martyrio, que se cançam no mundo, não cançam nunca nos conventos; ahí sabereis que *necessidade tem Jesus Christo de tantas virgens loucas e a especie humana de tantas victimas*. Felizes de nós, se vos levarmos até chegar a impedir que vossas filhas caiam na mais terrivel de todas as armadilhas e a educal-as nos principios de moral e de virtude cuja influencia se faz sentir em todas as acções da nossa vida!

Taes são as palavras com que o editor de *La Religieuse* apresenta aos seus leitores esse trabalho immortal de Diderot.

No proximo numero em folhetins, sem exclusão do romance que estamos publicando.

(1) Palavras do sr. Montlosier n'uma das suas obras.

(2) *O Tratado da Virgindade*, por S. João Chrysostomo.

## OS REIS PERANTE A CRISE

No meio da crise medonha que dilacera o paiz, as magestades atravessam serenas por sobre a miseria nacional, e vão caçar, e vão para os touros, e vão divertir-se. Na auctoridade suprema de uma nação é o que temos vislhos vivem apprehensivos pelo futuro da patria, o rei diverte-se, e divorcia-se em tudo e por tudo do sentimento geral dos portu- guezes.

Ora na agonia lancinante em que Portugal se debate, aquella alminha do sr. D. Carlos nem sequer se lembrou de ceder, **ao menos**, em beneficio do thesouro publico, aquelles 1:500 contos em inscripções (**que allás são muito nossas, do paiz**), cujos juros fabulosos o sr. rei podia dispensar.

N'esta durissima situação em que nos encontráramos, além de ser isso uma necessidade instante, seria tambem a inspiração de uma consciencia de portuquez que vê a patria afflicta. Mas talvez o sr. de Bragança nunca se lembrasse d'isso; pois aqui lh'o lembrámos, e queremos ver até aonde chega a dedicacão de sua magestade.

Nós nem queremos já alludir ao ordenado que recebe aquelle alminha do senhor, apezar de poder, como os seus collegas do funcionalismo, soffrer tambem corte, ao menos temporario, porque a sua casa particular dá-lhe bastantes rendimentos; e quando a patria enferma de anemia é louvavel que todos lhe demos uma gotta do nosso sangue.

Não acha, seu Sergio?...

## O discurso do sr. Arriaga

(Continuado do n.º 503).

Estarei em erro? Talvez; mas esta é a minha opinião firme e inabalavel desde o principio do conflicto.

Appelle-se para o conselho das nações; reúna-se uma conferencia sobre o futuro da Africa, ninguém nos ha de desatender. Poderão votar contra nós, é outra coisa; mas n'esse caso fomos vencidos pela civilisação. E' a força, não de um, mas de um collectividade feita por outras muitas mais poderosas que nós, e estava liquidada a questão!

Imaginem os senhores que, collocado o conflicto n'este terreno, a Inglaterra se atreveria a atacarnos? Não cahiria n'essa, porque ella ainda a estas horas estará arrependida do primeiro passo errado que deu, e de que só a salvou a nossa candura, ingenuidade, ou não sei se o diga...

A Europa não podia vir ter connosco, desde que nós nos voltavamos para a Inglaterra. Dado este passo em falso era com ella que tinhamos de ajustar as contas.

Este é o principal erro da monarchia na questão ingleza, e não póde já sahir-se d'elle.

Bastava que n'este momento historico, a nação estivesse senhora dos seus proprios destinos, livre dos compromissos dynasticos e ser-



24 de Julho.

Vida por vontades sinceras e energias, para a Inglaterra ser sustida nos justos limites da decencia.

Havia de recolher as garraças audazes, com receio de as pôr na solo sagrado da patria, se esta ergesse desassombadamente a voz e fallasse alto e claro da sua justiça, n'um congresso solemne de povos.

Aberto o abysmo entrá a Inglaterra e Portugal, cavado pela propria Inglaterra, recorrendo-se a um concilio de nações, haviamos de ser attendidos, e a nossa posição estaria salva.

Eis a minha crença inabalavel. Voto, por consequencia, como desde o principio votei, contra a nossa approximação com aquelle secular inimigo de Portugal.

E o que é o tratado? É no fundo mil vezes peor do que o de 20 de agosto! Nem se mediu bem o que está escripto n'aquelle infamante pacto, faço justiça aos srs. ministros...

O tratado é, no entanto, o que fatalmente tinha de ser. Ninguém era capaz de arranear da Inglaterra mais do que os srs. ministros fizeram. O tratado é o que é e não vejo possibilidade de ser outra coisa! E porque? Além das causas historicas a que está presa a dynastia reinante, por tres monstruosos erros commettidos pelo governo transacto e pelo governo actual, e a logica d'esses erros é fatalmente o tratado que se discute.

O primeiro grande erro que deu origem a esta convenção, para o qual não ha penitencia bastante para os srs. ministros actuaes e transactos, foi começarem a tratar com a Inglaterra, depois de lhe terem aberto as aguas do Chire e a embocadura do Zambeze! Desde que nós abrimos o Zambeze á exploração ingleza, perdemos toda a nossa força moral junto d'aquella nação. Era aquella a chave do grande problema. Alli é que estava o principal ponto de apoio da nossa defeza. Era alli que podiamos conter a Inglaterra e ella patuar connosco sem deshonra.

A Inglaterra, na defeza do Zambeze, teve a cautela de collocar-se de maneira tão nitida, clara e sympathica a favor da civilização que tinha por si o mundo inteiro. Ahi ainda ella era justa. Ahi era clara e nitidamente definida a sua linguagem: um espelho limpidissimo do que ella pensa, quer e prevê.

Alli não ha palavras equivocadas, não ha problemas insolúveis, tudo está claro como uma lamina de aço, porque advoga um principio sympathico posto ao serviço da civilização do mundo.

Outro tanto podiamos ter feito pondo ao serviço da civilização dos povos as aguas dos nossos rios, quando o mundo se pözesse do lado do nosso direito nos restantes pontos de Africa.

Mas aberto o Chire e o Zambeze á navegação dos povos antes de

entrar-se em transacção com a Inglaterra sobre os limites do nosso territorio e sobre as clausulas do novo contrato, equivalia a desarmar antes de tempo ante o adversario perspicaz; e entregar-se meio vencido ás suas insaciaveis exigencias...

O segundo erro é a lastimosa declaração que apparece no Livro Branco, á entrada de um trabalho tão espinhoso como este!...

Veja a camara a leviandade com que o governo transacto andou n'isto; veja como, sendo pouca toda a nossa astucia para acompanhar a questão ingleza, lhe fomos entregar ingenuamente os nossos segredos, a nossa fraqueza nas mãos do inimigo que se sorria d'elles!...

O sr. Soveral e o sr. Bocage n'este e ainda n'outros factos que mais logo apontarei, deram uma prova da sua pouca aptidão diplomatica.

Foram ingenuos e precipitados de mais.

A 15 de novembro o sr. Soveral dirigia ao governo portuguez um telegramma relatando-lhe que tinha tido uma larga conferencia com lord Salisbury, em que lhe declarava, reparem os senhores bem, em que lhe declarava o seguinte:

«Tive longa conferencia com Marquez de Salisbury. Disse-lhe que v. ex.ª tinha o maior desejo de começar e concluir as negociações do tratado o mais depressa possivel.»

Pois um plenipotenciario, na situação melindrosa em que se encontrava o nosso negociador em Londres, faz chegar ás regiões d'aquella insaciavel exploradora, os lados fracos do outro pactoante?!

Faz constar a um paiz com que vae contratar, que a sua nação está anciosa por concluir o novo tratado, e que se faça tudo o mais depressa possivel?!

Quem pede assim, accêita tudo o que lhe dão e o governo habilissimo de lord Salisbury lançou logo os tres primeiros fios da teia com que ia enredar esta mosca tonta da nossa diplomacia. Isto dito sem offensa.

Primeiro fio. Fez constar que o governo inglez desejava sobre tudo um caminho de ferro para lhe dar sahida para o mar e que, resolvida esta questão, era facil negociar sobre questões territorias.

Segundo fio. A respeito do planalto de Manica, não podia, transigir, e a respeito do Mutassa, conforme este estiver ou não dentro da area do *modus vivendi*, assim o deixava ou não para Portugal.

Terceiro fio, o mais seguro de todos, fio de finissima seda da habilissima diplomacia ingleza, e que lhe foi fornecido por nós proprios!

Está no memorandum que se encontra transcripto a paginas 52 d'este livro, e que mostra a perigosa penuria diplomatica do ministerio transacto e do actual.

pressa ella reclamaria a presença do Brahmané eximio na arte de curar, e, assistindo aos curativos, com o coração em sobresalto por aquelle a quem devia a salvação, estar proximo de morrer. Nesta occasião dá um longo suspiro. Principia a ajuntar os pensamentos. Sem duvida estava na sala rica de tecto abobadado, reluzente de porphyro e ouro, e, ajoelhada a seus pés, ella, sobre almofadas de damasco, espiaria o instante em que balbuçiasse as primeiras palavras. E bastaria abrir os olhos para confirmar tudo isso.

Foi o que fez.

Que cruel e triste decepção!

Encontrava-se n'uma especie de arribana tristemente illuminada pelo clarão de um facho fumiflante, e a sensação abrupta que sentira, podemos imaginar que não seria das mais agradaveis. A entrada, que tivera n'outro tempo uma porta, e d'onde agora se descobria o céu estrelado, estavam dois homens sentados de cocoras, comendo cada um na sua malga, que seguravam contra o peito, olhando de revés um para o outro; mas como este incidente se

«Inutil é já allegar direitos, diz o sr. ministro dos negocios estrangeiros, pois o governo de Sua Magestade Fidelissima apenas procura hoje conciliar o extremo limite dos seus proprios sacrificios com os interesses que o governo de Sua Magestade Britannica sustenta e protege.»

(Continua.)

## LIBERDADE DE IMPRENSA

É accusação do Portuguez, jornal monarchico, que a lei de liberdade de imprensa do sr. Lopo Vaz ficou letra morta para uns, e fez-se azorrague para outros. O ministerio publico abriu os olhos e viu os desacatos praticados pela imprensa republicana, e cerrou-os, n'uma cegueira incuravel, para as diatribes flagrantemente criminosas, editadas por alguns jornaes monarchicos. Ministros da corda e a propria coroa, principes da igreja e a propria igreja, membros do parlamento e o proprio parlamento, tem sido injuriados e offendidos no exercicio das suas funcções publicas, por algumas folhas monarchicas, e a lei fechou os dois olhos, não fechando mais talvez por os não ter, sem que ninguém se irritasse com esta cegueira relaxista da lei. O regimen da imprensa ficou, pois, sendo um regimen de excepção odiosa, a que de nenhum modo queremos associar a nossa responsabilidade.

«Os jornalistas monarchicos carecem de abrir caminho ou defender os seus interesses, empregando o insulto, a offensa e a linguagem desbragada? Seja. Mas se isso lhes serve a elles para avolumarem a sua preponderancia politica, ou conquistarem um lugar honrado junto do throno constitucional, porque se ha de privar então d'esse recurso o escriptor republicano que pôde tambem ter honradamente, essa mesma aspiração? As calumnias infamantes contra os homens publicos não impedem os Gatos accusadores de se sentarem, no dia seguinte, ao lado dos ladrões accusados? Pois se é assim, não é justo que se exija da imprensa republicana moralidade maior do que a que se exige da consciencia austera dos Gatos monarchicos. A lei, sob pena de não ser lei, tem de ser igual para todos, quer no premio, quer no castigo, e quem, por amor á liberdade, defender excepções odiosas, mais servirá o despotismo do que a propria liberdade.»

«Não nos irritemos, portanto, contra as demasias de linguagem da imprensa republicana. Ella usa de um direito sagrado que a monarchia lhe reconhece.»

devia prender, pouco ou nada, ás suas preoccupações, não diligenciou penetrar em tal enigma, e deixou pender a cabeça, exhalando prolongado suspiro.

N'este momento, uma das figuras depõe a malga, levanta-se, pé ante pé, e diz ao ouvido do companheiro algumas palavras que obrigam este a sair precipitadamente.

Bussy tinha os olhos presos, com tal ou qual inquietação misturada de curiosidade, no ente estranho que estava a dois passos de si. Nú, corpo escanselado, com a pelle pegada aos ossos, apenas um retalho de panno cingindo-lhe a região sacra, as nadegas proeminentes e os cotovellos esbrugados, semelhava mais um grande gafanhoto que figura humana. Apesar de tudo, era ainda novo; mas nas faces macezadas e cabellos esgrouviados lia-se, como n'um livro aberto, a resignação e tristeza de quem anda agrihoadado a um destino irremediavel. Todavia, n'estas faces escaveiradas lusiam uns olhos grandes, intelligentes, contrastando com a expressão e gestos de dó que chegavam a enternecer. Dir-se-hia dentro d'a-

Continúa a mesma situação. A falta de numerario cresce; o papel augmenta. O governo não remedeia nada. Pede prudencia, patriotismo e senso. O sr. Marianno de Carvalho a pedir prudencia e patriotismo... Eu bem sei que é difficil, muito difficil remediar este estado de coisas principalmente com as instituições actuaes. Ainda assim o sr. Marianno de Carvalho tem-se mostrado muito abaixo do seu papel. Nem uma medida séria contra a agiotagem! Nem um decreto de valor sobre a circulação monetaria! Enfim, qualquer dos muitos expedientes que um ministro tem sempre á mão, ainda que o seu valor intellectual não seja muito grande, expedientes não para remediar, mas ao menos para empapar. Na verdade, o sr. Marianno de Carvalho está surpreendendo muita gente. Nem um habilitado se revela. Pois s. ex.ª tem talento. O que se vê é que as suas aptidões não são para isto.

De resto, as circumstancias são difficilissimas, e, com a monarchia, insolúveis. Não digo isto por dizer; é a minha profunda convicção. Com a monarchia é impossivel tomar qualquer medida que dê alguns resultados favoraveis, por isso que a monarchia não é já capaz de captar a confiança do paiz e o grande mal da crise é essa desconfiança. Se essa desconfiança é fundada ou infundada, pouco importa. O facto é que, existindo, o unico meio de melhorar a situação é acabar com aquillo que lhe dá causa. Por mais dinheiro que o governo lance no mercado o dinheiro desaparece, não tanto pela especulação dos agiotes, como pelo retratamento dos particulares. Os particulares estão cheios de dinheiro e não o largam porque tem medo. É o *saave qui pent*. Vão lá deter um exercito na debandada quando o panico se desenvolveu entre elle. Vão lá convencer o publico de que não tem motivos para receiar.

Ora, deante d'isto tudo é inutil. Eu, que escrevo estas linhas, confesso que não tenho senão papel. Foi mais tolo ou tive menos medo que os outros. Mas conheço immensa gente, alguma de meios pouco largos até, que se foi prevenindo desde que o governo decretou a moratoria e que me tem confessado ter lá o seu montinho de prata ao canto e sem intenção alguma de se desfazer d'ella. Quasi toda a gente remediada e rica fez isso em Lisboa.

Os proprios agiotes exercem a sua agiotagem por causa da des-

quelle tumulto-vivo existir como que uma luz resplandecente. Conservava-se calado, naturalmente á espera que o ferido pedisse alguma coisa; mas o marquez continuava a não dar uma só palavra.

Então, embrulhando a mão direita n'uma tira de linho branco, abriu a pequena caixa collocada no chão e tirou de dentro um copo de prata.

—Meu senhor, toma este remedio, sim?

Antes, porém, de pronunciar estas palavras, levantára á altura da bocca uma taboinha que trazia presa á cinta em um cordão, como se o seu halito estivesse envenenado e fosse preciso estabelecer aquella divisoria sanitaria.

A idéa de beber a poção, revelou ao doente a causa de um sofrimento para que não encontrava explicação, e era a sede mortal que o minava.

—Anda, dá-m'o, disse elle, que sinto muito calor.

E a figura, de que só se viam os olhos, offerencia-lhe de longe o copo.

—Approxima-te, chega-te mais, e ajuda-me um pouco, gritou Bus-

confiança. Se não existisse o panico ninguém se lhe lançava nas mãos.

Para mostrar o estado a que chegou a situação em Lisboa basta dizer-se que já se chega a empenhar as notas nas casas de prégo, como se fóra um casaco ou um relógio. Garanto a authenticidade d'este facto.

Mas desde que a desconfiança chegou a taes extremos, desde que o metal desaparece assim que é lançado em circulação, não ha meio nenhum de lutar. Acabe-se com a monarchia, e vamos a vêr se o dinheiro depois apparece. É o unico meio de remediar esse mal.

A circumstancia, porém, de se proclamar a Republica, acaba de prompto com as difficuldades? Ninguém o dirá. Mesmo porque a unica difficuldade não é essa do retratamento do dinheiro. Momentaneamente esta é a maior. Mas ha muito mais que fazer e para que a Republica não será talvez uma solução immediata. Mas lie de preparar o caminho para essa solução. E em ultimo caso, o dever de todos é tentar todos os meios de vida. A monarchia já nós sabemos que é incapaz de resolver a situação. Experimentemos a Republica.

De resto, a bancarrota, que já está meia declarada, é inevitavel. Não se pôde mesmo governar sem ella. Só em cima d'esse grande desastre se poderá metter isto a direito. A Republica franceza governou depois de perder a Alsacia e a Lorena e depois de pagar uma terrivel indemnisação de guerra. A Republica portugueza precisa de governar depois da bancarrota. O que faz uma casa commercial que não pôde com os seus compromissos? Ou pede moratoria, ou faz uma concordata com os credores ou entrega-se á mercê. Assim no estado do thesouro publico, mais de metade das receitas absorvidas pelos juros da divida, a outra parte das receitas insufficiente para as despesas necessarias, ou temos de suspender os juros da divida, ou temos de os reduzir, ou temos de fazer as duas coisas ao mesmo tempo - ou de lançar a corda ao pescoco e perder a nossa autonomia accêitando uma administração estrangeira como o Egypto.

Dêem-lhe as voltas que quizerem que o resultado não pôde ser outro. E ahi está a bella bandalheira d'esses capitães-móres que não viam senão a estrada por ao pé da porta ou o concerto na igreja, d'esses mariódes que só queriam empregos para não trabalhar e d'essa canalha popular que ficava satisfeita com o carneirinho com batatas e com a barriga cheia de vinho.

Ah, bom marquez de Pombal! Quem te fizera resuscitar com

sy, que não tinha força de o segurar só com a sua mão.

Agora, foi extraordinaria a expressão que tomaram os olhos do homem, tal como n'um turbilhão de idéas, a que succedesse, gradualmente, a alegria, o espanto e o terror; mas tudo se passou tão fugace como o pensamento, e a mais passiva submissão restabelecia-se n'aquelle acobrunhado cerebro. Approxima-se, segurando o ferido com verdadeiro carinho, e enquanto este tomava o remedio, elle desviava o rosto para o lado, o mais que podia, cerrando os olhos.

Bussy saboreára a bebida e considerava a ambrosia divina. Composta de neve, mel e sumo de fructas desconhecidas, era d'uma frescura dulcifica, apagando-lhe, de vez, a ardencia que lhe requemava a garganta. E poisou a cabeça no travesseiro, sentindo menos afflicção.

(Continua.)

## A CONQUISTA DO PARAISO

## II

## O marquez Carlos de Bussy

A aventura apparecia-lhe tão romantica que mais parecia criação de delirio; mas no seu dormitar continuavam as peripécias, segundo elle as desejava. Por exemplo, a pallidez tingia-lhe as faces, estava ferido, morto talvez, aos olhos d'aquella por quem elle se arriscara; suppunha o susto que se apoderaria da gentil amazona, tão formosa como não poderia haver outra no mundo, em face d'um manco quasi sem vida, correndo-lhe o sangue a jorros; e a anciedade, a angustia, com que ella gritaria por socorro á sua comitiva tão imprudentemente affastada, e as precauções que se tomariam no transporte do ferido; e depois, chegados ao palacio, porque se tratava certamente d'uma princeza, com que



pelourinhos armados á tua disposição por esse paiz fóra! Só o teu genio e o teu chicote, e o teu chicote ainda mais que o teu genio, seria capaz de pôr isto a direito!

Sim, o teu chicote, que não se leva d'outro modo nem outra coisa merece esta canalha.

Bandidos, que deviam estoirar de fome. Ao menos não tornavam a jogar os destinos do paiz, nem o de tanta gente boa que não tem culpa das infamias committidas por esses bandidos.

—O governo mandou proceder ao arresto de todos os numeros do jornal A Justiça. Ninguém pôde applaudir, nem calar, um procedimento d'essa natureza. Aham que é pouco rigorosa a lei d'imprensa? Mandassem querellar a Justiça se entendiam que ella se tinha excedido na sua linguagem. O arresto foi uma violencia inaudita que por motivo nenhum se justifica.

E posto isso, diremos que não applaudimos a linguagem empregada pela Justiça para com o rei, que ainda é o chefe do estado n'este paiz. Bem sabemos que a Justiça era movida por um santo entusiasmo, digno, em principio, de todo o louvor. Conhecemos perfeitamente a abnegação da classe academica, sempre prompta ao sacrificio e á lucta. Fazemos-lhe toda a justiça. Mas creiam os collegas que o paiz não está para grandes arrancos de linguagem, os quaes, por tal motivo, são contraproducentes. Ha muitos casos em que as violencias são precisas. Outros tantos em que se justificam. Mas a friozinha contra um homem só porque elle é rei produz mau effeito.

Isso, porém, em nada attenua a conducta irregularissima do governo.

Y.

NOTICIARIO

DE PREVENÇÃO

Acha-se de prevenção o regimento de cavallaria 10, por causa da attitude do Porto, onde se receiam tumultos motivados pela crise numeraria.

Na estação estão preparados wagons para o rapido embarque da tropa, se isso fór necessario.

Contra o tabaco

Todos os operarios da fabrica da Vist'Alegre abandonaram o uzo do tabaco, depois que os monopolistas subiram o preço ao genero.

O consumo do tabaco em Aveiro tende a diminuir cada vez mais. Nos primeiros dias em seguida ao ukase dos monopolistas calculámos em 50 p. c. a diminuição no consumo ordinario; hoje podemos dizer que já baixou a 75 p. c.

Entre as plantas utilizadas para fumar ha a silva, a salva brava, as folhas de batateira, as de nogueira, de melão, de parreira, etc., devidamente preparadas. As folhas de batateira, submettidas a preparação, quando fumadas deixam o residuo branco e tem um paladar agradável. Os curiosos tratam de experimentar ainda outras plantas.

A corrente está, pois, encaminhada, e a propaganda alastra.

Eis a que conduzia a ancia da uzura, aliás auctorizada inconscientemente pelo governo.

Contribuição Industrial

E' para notar que se não dê a maxima publicidade ás operações que precedem a distribuição da contribuição industrial e de outras, para que os interessados reclamem a tempo quando o julgarem conveniente.

Pelos editaes affixados nas portas das egrejas quasi ninguem

tem conhecimento d'essas operações, e a maioria dos contribuintes só o sabem quando recebem aviso para pagarem as suas contribuições, quando o recebem, e só então é que lamentam ter ignorado o que devia ter a maior publicidade, a fim de haver o menor numero de queixosos.

Aos interessados lembrámos que no dia 29 do corrente é que finda o prazo para as reclamações contra qualquer lesão de que se julguem victimas na distribuição da collecta industrial.

O PAPÃO...

A nossa policia filou ante-hontem o vendedor da Voz Publica e os jornaes, e só largou tudo depois de se convencer que o homem não trazia dynamite.

Os agentes do rei trazem o aspecto patibular dos que não se acham de bem com a propria consciencia, e qualquer sombra os apavora.

N'este destrambelhamento de nervos, cahem em ridiculos que provocam no publico o mais desdenhoso bocejo.

Ui o Papão...

O nosso amigo Arthur Paes acaba de receber uma colleção de artigos de papelaria que vende a preços limitadissimos. Em papeis finos e cartões tem um sortido completo. Tambem lhe chegaram caixinhas de papel de phantasia—pêlo-mêlo, de estampas originaes.

E' sabido que o nosso amigo, limita-se a um pequeno lucro para não prejudicar o seu novel estabelecimento.

SYNDICANCIA

Dizem-nos que por ordem superior se vae proceder a uma syndicancia para se apurar quaes eram os individuos que n'esta cidade traficavam com a venda e compra de moeda, a fim de lhes ser applicada a collecta ordenada ultimamente em portaria do sr. ministro da fazenda.

Parece que os syndicantes serão os empregados da filial do Banco de Portugal.

Pois sim...

Salva brava

Na serra do Minde anda grande quantidade de gente exclusivamente dedicada á industria da apanha da salva brava, que se vende por aquelles sitios d'uma maneira pasmosa, ao passo que o tabaco deixou de ter consumo.

Em Minde chama-se á salva brava «Tabaco nacional Serpa Pinto». O que é certo é que a planta vae tendo adeptos n'um crescendo de verdadeira mania; e depois todos os dias lhe descobrem novas virtudes. Depois de se verificar que a salva dá um chá excessivamente tónico, digestivo e de sabor agradável, acaba-se de descobrir que as suas folhas, collocadas no bico de uma candeia, dão uma excellente luz.

«El Centro Montañez»

Recebemos o primeiro numero d'este jornal, de Santander, de que é director politico o emigrado nosso compatriota e correligionario sr. José Tavares Coutinho.

Agradecemos a visita.

Calote á policia

Ante-hontem a policia levantou celeuma no commissariado, por não lhe pagarem os seus ordenados. A primeira quinzena d'este mez não lhe havia sido ainda satisfeita, a pretexto de só haver papel e que o sr. commissario desejava pagar-lhes em metal. Os

guardas, porém, que não se governam com cantigas, convidaram na sexta-feira aquelle senhor a pagar-lhes fosse em que especie fosse. Foi então que se descobriu que não havia vintem, e para se pretender calar os policiaes era abonado a cada um 25500 réis (nota).

Foi d'aqui, d'esta manifesta impostura, que nasceu o incidente. Os guardas, então, commissariaram alguns dos seus collegas para irem pedir providencias ao sr. governador civil, que prometeu servil-os no que podesse.

Hontem foram embolsados em notas do que se lhes devia, mas como é difficilima a troca do papel, os pobres guardas então um côro de maldições.

Esteve hontem n'esta cidade o sr. José Cervaens y Rodriguez, um dos implicados nos acontecimentos do Porto. Esteve em Africa cumprindo sentença, a que foi condemnado nos conselhos de guerra em Leixões.

A collecta dos agiotas

Foi publicado uma portaria determinando:

Que á tabella B, parte 1.ª, classe 1.ª, da contribuição industrial, seja adicionada a tabella seguinte: «Agiotas», os que com estabelecimento, ou sem elle, tirem lucros por meio de agio, comprando, vendendo e trocando moedas de ouro, prata e cobre de curso legal, ou notas do Banco de Portugal, com as seguintes taxas:

- Em terras de 1.ª ordem, 300\$000 réis.
Em terras de 2.ª ordem, 240\$000 réis.
Em terras de 3.ª ordem, 150\$000 réis.
Em terras de 4.ª ordem, 120\$000 réis.
Em terras de 5.ª ordem, 90\$000 réis.
Em terras de 6.ª ordem, 60\$000 réis.

Que esta industria será collectada no concelho, ou bairro, onde fór feita a compra, venda e troca das referidas moedas, ou notas, e a sua taxa será accumulada com a de outra qualquer industria exercida no mesmo estabelecimento ou fóra d'elle;

Que os individuos comprehendidos n'esta disposição sejam collectados no corrente anno de 1891 desde o terceiro trimestre em matriz adicional á primitiva, onde esta já se ache concluida.

Um soldado «valente»

N'uma das ultimas noites, um soldado de cavallaria 10 foi esbofetado por uma Eva do Caneiro. Como desforço, o valente militar foi queixar-se á policia, que deu parte para juizo do successo.

E lá vae a rapariga responder por um facto que o soldado devia esconder, por vergonha sua.

Emygdio Navarro

Em Pariz vae uma acalorada campanha contra o sr. de Navarro, que se espera será nomeado ministro de Portugal na grande capital franceza.

Dizem que os emigrados alli residentes e nossos compatriotas não são estranhos á campanha. Elles não esqueceram decerto o movimento de diffamação iniciado pelo sr. de Navarro nas suas Novidades contra os revolucionarios de janeiro.

Em Torres Vedras foi encontrado n'uma gruta, pelos agronomos que alli estão estudando as condições do terreno para a plantação do bacello americano, um homem de cerca de 30 annos, com a barba e cabello muito crescidos e em quasi completo estado de nudez.

Participado o caso á policia esta prendeu o homem para averiguações.

Houve difficuldade nos interrogatorios, pois que o preso não

sabe portuguez; porém, um individuo que alli está a banhos dirigiu-lhe a palavra em inglez, e então o homem declarou ser natural de Matta, que percorrera a Hespanha e que ha perto de tres mezes se refugiara n'aquella gruta. Pediu para que o enviem para a terra da sua naturalidade.

«31 de Janeiro»

Os janizaros da policia apprehenderam na quinta-feira os supplementos d'aquelle jornal que se apregoavam n'esta cidade.

Parece que esse trabalho foi ordenado pela auctoridade policial do Porto, onde o periodico se imprime, e d'onde poderam escapar os supplementos que aqui chegaram.

Agora, sim... Agora é que está salva a monarchia com estes rasgos de iniciativa burlesca.

Em Esgueira houve ante-hontem bordoadá á antiga portugueza. Da refrega sahio um homem gravemente ferido.

A justiça procede.

Tratamento da tísica

Apparece agora um novo tratamento da tísica pulmonar. O inventor do medicamento é o dr. Lannelongue, medico de Pariz.

Consiste o tratamento em injeções hypodermicas d'um antiseptico, que elle reputa infallivel, para destruir ou, pelo menos, para paralisar a acção do bacillo.

Esse antiseptico é o chloreto de zinco, que, sendo por si inoffensivo, não pôde determinar uma reacção perigosa no resto do organismo.

Um especialista no tratamento da tuberculose da larynge, o dr. Poyet, elogiou o processo do dr. Lannelongue, declarando que o chloreto de zinco fóra já empregado, ha annos, e accrescentando: «Endurecer o tecido tuberculoso empregando um processo distincto do da cauterisação e ter encontrado no chloreto de zinco esse agente, dotado de propriedades poderosas e nada caustico, isso constitue realmente a descoberta que o dr. Lannelongue reuniu agora aos seus varios e admiraveis trabalhos.»

Os principaes jornaes scientificos da França tem consagrado longos artigos ao novo tratamento da tísica, reservando-se contudo o resultado das experiencias para poderem assignalar a sua efficacia.

Foram expedidas circulares a todos os lyceus do paiz, permitindo exames em outubro, não só áquelles estudantes que ficaram reprovados na primeira epocha, mas tambem aos que ainda não tenham exame das disciplinas que frequentam.

FUNDAS BARATAS

PARA HOMEM E CRIANÇA

Mamadeiras, Borrachas, Suspensórios, Perfumarias

Sabonetes muito baratos a 40, 50, 120, 140

Só na Pharmacia Central, de Francisco da Luz & Filho.

AVEIRO

Emulsão de Scott

Lisboa, 7 d'Abri! de 1886. Ill. mos Srs. Scott e Bowne.

Tenho empregado em larga escala, a Emulsão de Scott, e tenho obtido excellentes resultados nos doentes escrophulosos e anemicos, sendo muito bem tolerado pelos estomagos debéis.

José Ignacio Martins Lavado, Medico-Cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.

MOVIMENTO DA BARRA DE AVEIRO

EM 19 DE JULHO

Entradas: Hiate «Duque de Saldanha», mestre L. G. Villão, do Porto, vasio. Não houve saídas.

EM 20

Não houve movimento.

EM 21

Entradas: Hiate «4.º Machado», mestre A. F. Santos, do Porto, vasio.

Saídas: Cahique «Leon Gambetta», mestre M. Soares, para Gezimbra, com sal. Cahique «Villa Franquense», mestre V. José, para Gezimbra, com sal.

Indicações uteis

HORARIO DOS COMBOYOS

(Estação de Aveiro)

Comboyos ascendentes: — Chegada do mixto n.º 1, ás 6,24 da tarde; do correio n.º 3, ás 5,18 da manhã; e do mixto n.º 5 (expresso), ás 6,59 da manhã.

Descendentes: — Chégada do mixto n.º 2, ás 11,24 da manhã; do correio n.º 4, ás 9,28 da noite; o do mixto n.º 6 (expresso), ás 5,11 da tarde.

COMMERCIO

Inscrições

PARIZ, 24.—3 0/0 portuguez, 40,37. LONDRES, 24.—3 0/0 portuguez, 39,62. LISBOA.—48,00.

Cambio

RIO DE JANEIRO, 20.—Sobre Londres, 16 1/4, com tendencia para baixa.

MERCADO DE AVEIRO

PREÇO DOS GENEROS

Table with 2 columns: Commodity and Price. Includes items like Feijão branco (20 litros) at 1\$000, Dito vermelho at \$800, Dito laranja at 1\$060, etc.

SAL

Cada 15:000 litros (antigo barco) — 22\$500 réis.

Annuncios

JOAQUIM DIAS DE ABRANTES

ACHANDO que alguns freguezes seus, e todos os que o podem ser, ainda não vieram ao seu estabelecimento ver o bom sortido da presente estação, já adiantada, vem, ainda que um pouco tarde, do que pede desculpa, dizer-lhes que não haja duvida em serem bem servidos, com modicidade, notando-se-lhes mais, e em especial, um magnifico sortido de chales, tanto para esta como para a proxima estação do outono.

TRAVESSA DOS MERCADORES, 7 A 11 AVEIRO



ARMAZEM DE DROGAS

DE JOAQUIM M. P. FALCÃO

42 - R. N. DO ALMADA - 44

LINHOA

Artigos para fabricas de lanificios, cortumes, louças e outros.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

VIDA DE LORD BYRON

FOR EMILIO CASTELAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

Segunda edição, com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron. - 1 vol. br., 500 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importância em estampilhas ou vale do correio á livraria Cruz Continho, editora, rua dos Caldeiros, 48 e 20 - PORTO.

ANNUNCIO

PELA repartição de fazenda do concelho de Aveiro vai á praça no dia 26 do corrente mez de julho, pelas 11 horas da manhã, nas salas do tribunal judicial desta comarca, sito no Largo Municipal, em Aveiro, a fim de ser arrematado nos termos da lei, o direito que se executado José Manuel Ferreira, d'esta cidade, possa ter á quantia de 277\$098 réis, penhorada a João Rodrigues da Rocha, casado, negociante, d'esta cidade, em poder de quem se diz achar-se a mesma importância, indo á praça aquelle direito no valor de tres quartas partes ou sejam 207\$822 réis.

Este direito a arrematar, foi penhorado ao dito João Rodrigues da Rocha na execução que a Fazenda Nacional move ao referido José Manuel Ferreira.

São citados quaesquier credores incertos para os fins determinados pela lei.

Aveiro, 20 de julho de 1891.

O escrívão de fazenda, José Luiz Ferreira Vidal Junior. Verificado. - A. Cortezão.

LICOR DEPURATIVO VEGETAL

DO MEDICO QUINTELLA

Premiado na exposição industrial do Palacio de Crystal do Porto de 1887 e universal de Paris de 1889 com os diplomas de menção honrosa

ESTE notavel depurativo do sangue, já tão conhecido em todo o paiz, encontra-se em Aveiro, na Drogeria e Pharmacia Central de FRANCISCO DA LUZ & FILHO. Dá-se gratis um folheto, em todos os depositos, onde se prova, pelas experiências feitas nos hospitales e recolhimentos particulares, que é infallivel em todas as manifestações rheumaticas, syphiliticas, escrophulosas e de pelle, como tumores, ulceras, dores rheumaticas, osteocaps nevrálgicas, blenorrias, cancos syphiliticos, inflamações visceraes de olhos, nariz, ouvidos, garganta, intestinos, etc., e nas doenças determinadas por saturação mercuria.

PILULAS PURGATIVAS VEGETAES DO MEDICO QUINTELLA

Estas magnificas Pilulas são não só destinadas a auxiliar o Licor Depurativo Vegetal, mas constituem tambem um purgante suave e excellente contra as prisões do ventre, affecções hemorroidarias, padecimentos do figado e difficis digestões, etc. - Caixa de 30 pilulas, 500 réis.

Deposito em Aveiro - Drogeria e Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

ARCOS DE ANADIA

FILIAL EM AVEIRO: - Rua de Anselmo Braamcamp (antiga rua da Cestelra)

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Challes pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Mindezas proprias d'esta qualidade de estabelecimento. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Na filial ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade.

Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes. Especialidade em gabões.

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

LIVRARIA ACADEMICA

DE JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO - AVEIRO

Grande sortimento de livros para lyceus e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Aluns para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis comuns e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO - AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Colleção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

EMULSÃO DE SCOTT

De Oleo Puro de FIGADO DE BAGALHAO COM Hypophosphitos de Cal e Soda.

É tão agradável ao paladar como o leite. Possui todas as virtudes do Oleo Simples de Fígado de Bacalhão e tambem as dos Hypophosphitos.

- Cura a Phthisis; Cura a Anemia, Cura a Debilidade em Geral; Cura a Escrofula, Cura o Rheumatismo, Cura a Tosse e Seções, Cura o Rachitismo das Creanças.

Receitada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradável, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

LA GUAIRA, VENEZUELA, 21 Jan., 1884. SRS. SCOTT & BOWNE, NEW YORK: Dedicado ao estudo e tratamento das enfermidades da infancia tenho tido oportunidade nos dezoito annos da minha pratica para empregar as preparações das quaes o oleo de figado de bacalhão é a base principal, e poucas vezes tenho obtido tão bons resultados como com a Emulsão de Scott. Por exito tão brilhante felicito a Vs. Srs. e tambem a sciencia que tem hoje nesta Emulsão um agente poderoso para batalhar contra o rachitismo nas creanças, são maravilhosas. Com este motivo tenho muito prazer de publical-o. Sou de Vs. Srs. S. S. Q. B. S. M., DR. AMBROSIO GRILLO. Dr. FRANCISCO DE ASSIS MEIRA, Medico de Saude do porto.

SANTIAGO DE CURA, 2 de Abril, 1885. SRS. SCOTT & BOWNE, NOVA YORK. MEUS SRS.: - Offereço a Vs. Srs. minhas congratulações de terem sabido reunir neste oleo as vantagens de ser inodoro, agradável ao paladar, e de muita conservação. Os seus resultados therapeuticos, particularmente nas creanças, são maravilhosos. Com este motivo tenho muito prazer de publical-o. Sou de Vs. Srs. S. S. Q. B. S. M., DR. AMBROSIO GRILLO. A venda nas boticas e drogarlas.

Novo Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico, mythologico, etc.

COMPILADO

POR Francisco de Almeida

Condições da assignatura: - O Novo Diccionario Universal Portuguez contém 2:424 paginas, divididas por dois volumes. A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas. Os srs. assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

Preço de cada entrega, 120 réis. Fechada a assignatura, o preço será augmentado com mais 20 p. c.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares & Irmão, largo de Camões, 5 e 6 - Lisboa.

ENCADERNAÇÃO ACADEMICA

J. PEREIRA CAMPOS & FILHO

60 - RUA DA VERA-CRUZ - 62

AVEIRO

N'esta officina executam-se quaesquer trabalhos concernentes á sua arte, taes como: brochuras, encadernações de luxo, pastas, carteiras, charuteiras, cigarreiras, douramento em seda e velludo e envernisação de mappas e estampas.

PREÇOS MODICOS

MACHINAS



SINGER

PARA COZER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÉIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO - 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79 - AVEIRO

E em todas as capitacs dos districtos



AOS FESTEIROS DE 1891

Francisco A. da Assumpção

ILHAVO

Tem no seu estabelecimento - o primeiro do genero em Ilhavo - um variado sortimento de bandeiras novas de diferentes gostos, balões venezianos e á Crive, lanternas brancas e de côres, e escudos rodeados a ornatos.

Encarrega-se de adornar ruas, praças e arraias, fornecendo bandeiras, galhardetes e illuminação do ultimo gosto.

Tem variado sortido de balões aereos, columnas, vasos illumitorios, etc.

Garante o maior esmero e perfeição na execução de todos os trabalhos, sendo os preços commodos e accessiveis.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

POR Xavier de Montepin

Auctor dos romances: «As doidas em Paris», «Mysterios de uma Herança», «O Fiacre n.º 13», «A Mulher do Salmimbanco», «Crimes de uma Associação Secreta», «As Mulheres de Bronze», «Os Milhões do Criminoso», «Dramas do Casamento», e outros.

Versão de Julio de Magalhães

Condições da assignatura - Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folhas de 8 paginas, 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. - Por assignatura, cada volume brochado, 450 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra: - Vista geral da Avenida da Liberdade (2.ª edição consideravelmente augmentada). Os srs. assignantes que já tiverem este brinde poderão, de entre os brindes anteriores, escolher de preferencia um album, ou outra qualquer vista.

Assigna-se nas livrarias. Editores Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26 - Lisboa.

EDITOR - FAUSTINO ALVES Typ. do "Povo de Aveiro,"